



ENCONTRO COM A TIA

Quando achei que enfim havia chegado o momento de começar nossa conversa, ela assumiu o comando.

— *Venha comigo para a outra sala.*

Quero lhe mostrar uma coisa.

— *O quê?*

Entramos num salão quase tão grande quanto meu apartamento atual.

Cerca de cento e setenta metros quadrados.

No centro havia uma mesa de bilhar.

Ela me perguntou se eu conhecia o jogo.

Se eu sabia jogar.

Eu disse que sim.

Expliquei que não gostava muito da Goriziana, a versão tradicional italiana,

e que preferia a sinuca americana.

Ela sorriu.

— *Sem dúvida.*

Eu já sabia.

Aproveitei imediatamente a deixa.

Perguntei se ela tinha gastado dinheiro com o Serviço de Inteligência de Sua Majestade, se tinha lido meus livros de graça, ou se simplesmente havia pedido informações sobre mim à minha mãe.

Ela não respondeu.

Ou talvez tenha respondido com o silêncio.

Então me conduziu até uma mesa comprida.

Sobre ela estavam expostos jogos de talheres, kits de manicure, kits de pedicure e inúmeros artigos de

cuidado pessoal.

Tudo era feito de aço polido.

Cada peça era polida toda semana para preservar o brilho.

Mas não foi isso que me chamou a atenção.

Cada objeto trazia o mesmo símbolo.

As duas espadas.

A marca.

A assinatura.

A identidade.

Wilkinson Sword.

Um arrepio me percorreu a espinha.

Pela primeira vez, entendi de verdade onde eu estava.

Eu não era hóspede de um gestor.

Não era hóspede de um executivo.

Não era sequer hóspede de uma lenda corporativa.

A certa altura ouvi vozes femininas chamando por ela.

— *Tia...*

Tia...

Onde a senhora está?

Sem hesitar, ela respondeu:

— *Já vou.*

Estou com meu sobrinho.

O filho da Gillette.

Naquele momento não me restou nenhuma dúvida.

Eu estava na casa da minha tia.

Voltamos para a outra sala.

Todos estavam prontos para sair.

Todos menos eu.

Maggy tomou meu braço e disse:

— *Deixe-me apresentar minha filha e minhas duas netas.*

Nenhuma delas é casada.

Venha.

Quero lhe mostrar uma coisa.

Espero que isso o deixe feliz.

Para dizer a verdade, eu estava completamente embriagado.

Não de vinho.

De informação.

De emoções.

De tempo.

Eu já não conseguia processar nada daquilo.

Ela, por outro lado, aquela velhinha inglesa, era um terremoto.

Perguntei-me na hora como ela devia ter sido quando jovem.

E se alguém algum dia teria conseguido controlá-la.

A resposta veio sozinha.

Não.

Ela estava além disso.

Era uma mulher de aço.

Chegamos diante de uma fábrica abandonada.

Ela parou.

Olhou para ela em silêncio.

Então disse:

— *Fernando.*

Tudo começou aqui.

E, se eles o tivessem conhecido antes, ainda teríamos nossa empresa hoje.

Nunca teríamos sido obrigados a vendê-la por causa de má gestão e de decisões arrogantes.

A filha dela.

As netas dela.

Todas em silêncio.

Até Domenique parecia comovido.

Então ele disse:

— *Este é o passeio emocional que a velha senhora sempre faz para impressionar os hóspedes.*

Sempre a mesma cerimônia inglesa.

Mas desta vez ela não falava com um hóspede.

Falava com o sobrinho.

Quando o passeio terminou, me levaram de volta ao hotel.

Fui eu quem pedi para voltar.

Eu não estava pronto para absorver tantas emoções num único dia.

Mas nós nos veríamos de novo no dia seguinte.

Ferdinando Frega